

## Nobel



## O militante 145167

As homenagens a José Saramago somam e seguem. Não só ao escritor que ganhou o Nobel. Mas ao amigo, camarada, jornalista, lisboeta e militante

ROSA AMARAL

O AVIÃO estava atrasado. Na Sala VIP, um nervoso miúdo roía todos os presentes. Os funcionários da editora Caminho a braços com ramos de flores, os jornalistas ansiosos pela notícia, João Soares com a falhada tentativa de trazer o Prémio Nobel, Guterres com João Soares. Discretas, a um canto da sala, Violante e Ana davam passos pequeninos, roíam as unhas, olhavam para o relógio. A filha e a neta de José Saramago eram talvez as pessoas mais ansiosas de todos quantos ali estavam. Mas ambas sabiam que nos próximos tempos ia ser difícil ter o pai e avó só para elas. "Ainda não pensei em nenhuma estratégia. Não sei mesmo como o resgatar", diz Violante a rir. O abraço entre pai e filha foi apertado, mas curto. Quando Saramago pisou finalmente solo português, cinco dias após ter-lhe sido atribuído o Prémio Nobel, o País inteiro queria-o só para si.

Quando foi anunciado o nome de Saramago como Nobel da Literatura - o escritor diz "Nóbel", assim com um acento agudo no "o" - todo o País se levantou a aplaudir. Mas, como sempre, o desnotre tomou conta da situação. O embaixador de Portugal na Alemanha não pôs os pés em Frankfurt, o Governo não se lembrou de ir buscar Saramago a Lanzarote, João Soares aproveitou a "gaffe" e promoveu a vinda do escritor a Lisboa, Guterres e Carrilho, ultrapassados pelo autarca, declararam-lhe guerra e tomaram conta da situação. O costume.

"Saramago não gostou, mas conhece bem o país onde desistiu de viver", diz um amigo. Não gostou porque foi com Pilar, a sua mulher, que a CML tratou de todos os pormenores da viagem, sem lhe

abrir o jogo. Não gostou porque até à última hora não lhe falaram de que a vinda a Lisboa seria paga graças a um exclusivo da SIC. Não gostou que tudo isto viesse a público poucas horas antes de chegar a Portugal. Não gostou, mas não mostrou.

## O Lisboeta

João Soares não conseguiu trazer Saramago de avião de Lanzarote, mas levou-o de carro do aeroporto para os paços do concelho. Ali, em frente da câmara municipal, o escritor teve o seu primeiro banho de multidão, que o saudou com palmas e gritos. Largas centenas de populares, alguns sem nunca terem lido um livro seu, atiraram-lhe cravos vermelhos enquanto subia as escadas rumo ao Salão Nobre. Uma jovem com a "Mulher Moderna" enrolada debaixo do braço corre excitada para o escritor. Não consegue aproximar-se". Vasco Gonçalves, Lídia Jorge, Alice Vieira, Vasco Lourenço, Helena Roseta, Vasco Graça Moura e Duarte Lima eram algumas das caras conhecidas que não quiseram deixar de ir. Pouca gente conhecida, é verdade, mas muito entusiasmo dos anónimos. Soares entregou-lhe as chaves da cidade e fez um discurso épico. Saramago confessou estar profundamente comovido com esta homenagem. "Obrigado, Lisboa. Nem tu sabes o que me deste hoje", escreveu no livro de honra do município.

Na conferência de imprensa que se seguiu, Saramago foi igual a si próprio. Crítico, mordaz, frontal. Criticou a política de Educação do Governo e a actuação da CPLP, frisando também a necessidade de apoiar mais a cultura portuguesa. "Neste momento temos o Mundo com os olhos postos em nós", avisou Saramago.



Baptista-Bastos, numa das primeiras filas, penteou-se.

## O Jornalista

Há alguns anos, o nome de Saramago ainda era impronunciável no "Diário de Notícias". A sua passagem pela direcção, em pleno PREC, deixou má memória e 22 trabalhadores no desemprego. O "Furacão Vermelho", como lhe chamaram na altura - esteve lá apenas sete meses, mas os estragos duraram infinitamente mais -, guarda desses tempos alguma amargura. Os seus amigos dizem que Saramago sempre disse: "Só fiz o que tinha de ser feito". Fez. Mas durante 23 anos nunca mais entrou no "DN". Até receber o Prémio Nobel. O convite partiu da administração e da direcção do jornal. José Saramago, numa espécie de gozo com o destino, aceitou. Claro que foi recebido com toda a pompa e circunstância. Claro que foi felicitado, abraçado, aplaudido, venerado. Claro que no "DN" há gente



'Sinto-me a mais humilde das criaturas. Tudo o que se está a passar é muito maior que eu'

que sempre gostou dele, que o admirou, que teve orgulho em ser seu colega. Claro.

## O Militante

Uma festa. Uma festa da rija, com música, lanche e tudo. No antigo Hotel Vitória, sede da Organização Regional de Lisboa do PCP, o dia era de festa. O seu militante nº 145.167, José de Sousa Sara-

mago, tinha ganho o Nobel da Literatura. Muito antes da hora marcada, a casa já estava cheia. "Ponham a música mais baixo", pedia um militante aflito. Das colunas de som, um disco de José Mário Branco estorava os tímpanos mais sensíveis. Ninguém lhe ligou. Na loja, dezenas de pessoas amontoavam-se a tentar comprar livros de Saramago. "Está a vender-se muito

bem", garante uma militante empenhada.

José Saramago chega à hora marcada, acompanhado da mulher e de Carlos Carvalhas. Os seus camaradas de partido festejam-no, emocionados. Dão-lhe cravos vermelhos e abraços solidários. Pilar del Rio sorri encantada. Saramago fecha-se. Tenta esconder as lágrimas. "Se a condição para ganhar o Nobel fosse

renunciar às minhas convicções políticas, tê-lo-ia recusado", diz Saramago. O militante comunista estava em casa, entre os seus. Carlos Carvalhas sabe-o bem. Por isso lhe preparou esta "homenagem simples e singela". O calor e a emoção atordoaram o escritor. Nunca na vida Saramago pensou passar por isto. Está agradecido e estorido. "Eu volto daqui a 15 dias, com mais calma, agora não me peçam mais nada", dizia, afastando os livros abertos e as canetas destinadas aos autógrafos. Pilar deu-lhe a mão.

## O Trabalhador

"Só tenho uns minutos, mas vou", prometeu o escritor. A CGTP tinha preparado uma vigília "Contra os conteúdos gravosos do pacote laboral" e a presença de Saramago no Terreiro do Paço, rodeado de jornalistas, vinha mesmo a calhar.

Chegou mais cedo que o previsto. No palco improvisado, um dirigente sindical lia

mensagens de apoio à luta dos trabalhadores. Foi então que alguém o avisou. "Camaradas, José Saramago está mesmo por baixo do Arco da Rua Augusta", gritou emocionado. Uma entrada triunfal junto daqueles de quem sempre disse estar mais próximo, Saramago dificilmente escondeu a emoção. As palmas, os vivas, os abraços de parabéns eram de gente anónima, operários têxteis, siderúrgicos, mecânicos e assalariados rurais. Gente que povoa a obra de Saramago. Os heróis dos seus livros. O antigo operário agradeceu a honra e avisou: "Temos de estar atentos. Não podemos desistir nunca". Saramago está cansado. Exausto. O cerco aperta-se cada vez mais. Baixinho, pede que o levem a casa. Tem de descansar uns minutos antes de continuar. Pilar, sempre Pilar, afasta a multidão, os jornalistas, as câmaras. "Mãe, estás a chorar?" Um adolescente, de cravo na mão, olha espantado para a mulher à sua beira. "Saramago chegou, mãe. Já chegou, mãe. Vou saber que ele está do lado." O miúdo, orgulhoso, dá-lhe um abraço apertado.

## O Escritor

Quando entrou na sala, todos se puseram de pé e uma gigantesca salva de palmas ecoou durante longos minutos. Saramago, ladeado por Guterres e Carrilho, fez esforço para não chorar. Não estava à espera, jura. O auditório do CCB estava à cunha. Muitos tinham esperado mais de três horas para poder entrar. Todos, quase todos, eram seus leitores. Depois de dois dias de homenagens, Saramago estava ali, frente a frente com quem lê os seus livros. Guterres percebeu isso e, no seu discurso, preferiu falar de silêncio, do silêncio que Saramago distingue entre o que dá joio e o que dá pão: "José Saramago, obrigado pelo seu pão". Saramago falou depois e emocionou os presentes. "Estão a deixar-me cada minuto à beira de um ataque de lágrimas". O escritor, um valioso confessor, já não se reconhece: "Sinto-me a mais humilde das criaturas. Tudo o que se está a passar é muito maior que eu".



## Comité pró-Viagra

A entrega do Nobel da

Medicina terá de alguma forma sido influenciada pelo Viagra? A brincar, Joshua Ruah, reconhecido especialista do Instituto de Urologia, diz que a entrega desta distinção à equipa vencedora tem uma justificação: "O comité do Nobel é constituído por tipos tão velhos que a entrega do prémio representa a felicidade deles". Agora a sério: "Do ponto de vista do avanço científico, tenho algumas dúvidas. Embora em termos de utilidade social a descoberta seja uma revolução. Isto tendo em conta que eu desconheço os outros candidatos". Para o urologista português, a própria descoberta encerra em si algumas reticências: "Normalmente, o prémio é atribuído a trabalhos de investigação pura". Isto é, este trabalho resultou da procura de vasodilatadores, o que permitiu a

constatação de um efeito secundário que passou a ser indicação. Os investigadores norte-americanos Robert Furchgott, Ferid Murad e Louis J. Ignarro descobriram como o monóxido de azoto (um poluente), enquanto molécula mensageira, desempenha um papel-chave no sistema cardiovascular, actuando sobre o sistema nervoso, como arma imunitária e regulador da pressão arterial e da circulação sanguínea. O fim da discrição de décadas da molécula - que intrigava um dos investigadores desde finais dos anos 70 - proporcionou, como refere o comité, o desenvolvimento de drogas como o Viagra. Augura-se agora a descoberta de novas terapêuticas para o coração, infecções graves e cancro. E, para além disso, tratamentos que ajudem os bebés prematuros a respirar. Uma investigação incomparável, por exemplo, às culturas de fungos que permitiram descobrir há algumas décadas que a penicilina inibia as bactérias, Joshua "dixit".

DULCE MENDES



## Corrigir &amp; Nivelar

Um pensador

que põe os números ao serviço dos mais pobres. Alguém para quem as desigualdades do mundo não têm razão para continuar a sê-lo. Ele é a um só tempo reconhecido pelos seus pares como economista e filósofo, de grande dimensão ética. Amartya Sen, indiano, nascido em Bengala há 65 anos, foi, este ano, o homem distinguido pela Real Academia Sueca de Ciências com o Prémio Nobel de Economia. A distribuição do rendimento e a desigualdade social estão no centro do pensamento económico de Amartya Sen. A realidade da sua Índia natal, mas também a do vizinho Bangladesh e da mais além no espaço que não no infortúnio Etiópia, marcam indelevelmente o contributo dado por Sen à economia do desenvolvimento. Numa obra dada à estampa com o título de "Pobreza e Fome", ele refuta a ideia, vulgarizada, de que a penúria

alimentar é a única causa da fome. "As fomes ocorreram mesmo quando a oferta de alimentos não era significativamente menor do que em anos anteriores" - concluiu. Neste e noutros sentidos contribuiu definitivamente para um novo conceito de pobreza. Professor nas melhores universidades dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, de Harvard ao Trinity College de Cambridge, onde defendeu com brilho a sua tese de doutoramento e onde se tornou "master", Sen era já conhecido internacionalmente pela sua vasta obra e sobretudo por, ao contrário da maioria dos economistas celebrados, trazer para a ribalta a questão da justiça social. Descobrir Amartya Sen é muito mais do que ficar intelectualmente mais rico; é ficar, de facto, humanamente mais rico. Concorde-se, ou não, com as ideias dele, a verdade é que o debate em torno do seu pensamento ganha redobrada importância agora que a Real Academia Sueca de Ciências o distinguiu.

ALMERINDA ROMEIRA



## Teoria dos Quanta

O prémio Nobel da

Física deste ano contemplou, tal como o da Química, uma área de extrema importância: a teoria dos quanta. Os galardoados são dois americanos e um alemão, Robert Laughlin, Daniel Tsui e Horst Störmer, respectivamente, que já tinham recebido o prémio Oliver Buckley, atribuído pela Sociedade Norte-Americana da Física. Ou seja, as suas pesquisas, nesta área, são de longa data. Todos nós ouvimos falar do átomo, que durante muitos anos foi considerada a partícula base. Hoje em dia trabalha-se com partes do átomo, as micropartículas, estando identificadas perto de 50 e essas são, para já, consideradas a base de tudo o que existe. A maneira como funcionam é, no fundo, o que estes físicos tentam perceber. Se se conhecer a base do Universo pode

perceber-se o Universo inteiro. Veja-se a importância da mecânica quântica: duas partículas, segundo este princípio, de um mesmo sistema estão sempre em estados opostos e se se mudar uma, a outra, por oposição, muda logo. Fazer com que uma partícula mude de estado é o suficiente para sabermos que a outra vai mudar para o contrário - controlar isso permitirá enviar informação instantaneamente ou fazer teletransporte de um objecto: a ficção científica tomada realidade. Já há gente a trabalhar em computadores quânticos. O trabalho destes cientistas premiados com o Nobel, mais propriamente de Störmer e Tsui, mostra que electrões, em campos magnéticos fortes, actuam juntos, formando novos tipos de partículas carregadas com partes da energia dos electrões. Laughlin conseguiu, depois deles, mostrar que os electrões, num campo magnético forte, condensam-se de tal modo que formam uma espécie de líquido, o fluido quântico.

PAULA JOYCE